/diariodolitoral
/diariodolitoral
/diariodolitoral

DIÁRIO do litoral.com.br



Domingo
27 DE ABRIL DE 2025

INFORMAÇÃO É TUDO

R$ 4,00
ANO 26 - Nº 9.198

Nissan começa a produzir o novo Kicks no Complexo de Resende. **AUTOMOTOR/A6**



DIVULGAÇÃO


ISSN 2177-0824

Dez mil pessoas buscam moradias dignas em Santos

»Recente ocupação de um terreno que integra as conhecidas Zonas Especiais de Interesse Social é verdadeiro apelo social

A iniciativa envolve 300 pessoas ligadas a movimentos de luta por moradia na Cidade, dentro de um contingente estimado de 10 mil pessoas que aguardam um teto digno. Representante da Frente para a Moradia da Baixada Santista, Luiz Pereira dos Santos, revelou que o número consta no banco de espera do Conselho Municipal de Habitação. **CIDADES/A3**

Questão das ZEIS envolve mudança no Plano Diretor

Os dois terrenos arrematados da Avenida Ana Costa geraram controvérsias. Eles pertenciam à União e foram arrematados em leilão online promovido no final do Governo Bolsonaro. **CIDADES/A3**



GEORGIA PLINI-LEITOR DL

Problema crônico **Santos pode evitar novas enchentes com soluções já usadas no Brasil e no mundo**

Mesmo com investimentos em obras de drenagem e planos climáticos, Santos segue enfrentando problemas graves durante temporais: alagamentos em bairros inteiros, crateras, deslizamentos de morros e prejuízos a moradores. A Zona Noroeste é uma das áreas mais impactadas. Para especialistas, a cidade precisa agora dar um passo além: investir em soluções integradas e baseadas na natureza, com inspiração em boas práticas aplicadas em outras partes do mundo. **CIDADES/A8**

LITERATURA

Marcelo Rubens Paiva dedica **novo livro** *aos filhos*



DIVULGAÇÃO

Marcelo Rubens Paiva está de volta com "O Novo Agora", que cobre os mais recentes acontecimentos na vida do autor - do momento em 2014 no qual se sentia um artista quase obsoleto, à beira da aposentadoria, até a volta aos holofotes que o encaminhou a um novo ápice depois do Oscar de melhor filme estrangeiro para 'Ainda Estou Aqui'. **CULTURA/A7**

Reforma à vista

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o governo do Distrito Federal anunciaram parceria para o projeto (no valor de R$ 744,6 mil) de revitalizar a Praça dos Três Poderes em Brasília, com estimativa de aproximadamente R$ 22 milhões de custo no contexto do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Esse valor seria captado por meio da Lei Rouanet (número 8313/1991). A previsão é que se o cronograma de obras for seguido, as obras sejam entregues no segundo semestre do ano que vem, com começo previsto para julho deste ano. **BRASIL/A4**



MARCELLO CASAL JR./AGENCIA BRASIL

SÔNIA GUAJAJARA

'Demarcar os territórios é luta contínua de povos indígenas'

A ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, defendeu, na última terça-feira, que o mês de abril é de comemoração, mas também de lutas e de entregas concretas às comunidades originárias no Brasil. A ministra disse que a pauta indígena precisa ir além de um dia (19 de abril). Ela ressaltou que é possível perceber que há um aumento da adesão às causas. **BRASIL/A4**

VIA STREAMING

Série 'Étoile' retrata bastidores do mundo do balé **CULTURA/A5**



EM DESTAQUE

Por Pedro Nastri

Jovens são impactados pelo uso de vapes . Recentemente, surgiram no mercado paralelo opções de Smart Pods, cigarros eletrônicos com jogos, aplicativos, e até mesmo as funções de fazer ligações e mandar mensagens. O público-alvo deste tipo de cigarro tende a ser adolescente, para torná-los dependentes da nicotina. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) o uso de cigarros eletrônicos é maior entre crianças de 13 a 15 anos do que entre adultos. Os jovens impactados pelo uso de vapes, como são chamados na linguagem coloquial, vêm sendo diagnosticados com doenças pulmonares graves, como a Evali (sigla em inglês para Lesão Pulmonar Associada ao uso de Cigarro Eletrônico), que teve mais de 2.800 ocorrências nos Estados Unidos entre o início de 2019 e fevereiro de 2020 e pode provocar lesões similares às da Covid-19, e, menos frequentemente, a bronquiolite obliterante, também conhecida como "pulmão de pipoca".Lembrando que esse tipo de produto é proibido no Brasil.

SP amplia acesso a educação integral. Dados do Censo Escolar 2024, divulgado pelo Ministério da Educação e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), indicam que o estado de São Paulo ampliou o acesso à educação integral em todas as etapas do ensino da rede pública desde o início da gestão do presidente Lula. Resultado de políticas como a Escola em Tempo Integral e de uma construção coletiva entre Governo Federal, estados e municípios, o percentual de matrículas em jornada ampliada nas creches em São Paulo passou de 76,8% para 81% entre 2022 e 2024. Na pré-escola, o salto foi ainda mais significativo: saiu de 14,4% para 18,5% no mesmo período. Nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º), o percentual era 12,4% em 2022 e foi para 17% em 2024. Já nos anos finais (6º ao 9º), o avanço foi de 27,4% para 31,2%. No ensino médio, de 24,9% para 26,4% no mesmo período. Considerando todas as etapas, em São Paulo houve aumento de 24,4% em 2022 para 28,3% em 2024.

Conferência Municipal da Cidade. Neste fim de semana, São Paulo sedia a 8ª Conferência Municipal da Cidade, um importante espaço de diálogo entre poder público e sociedade civil. O principal objetivo é discutir os desafios da capital e construir propostas para tornar São Paulo uma cidade mais inclusiva, sustentável, democrática e socialmente justa. Além disso, serão eleitos os delegados e delegadas que representarão o município na etapa estadual da Conferência. O evento municipal acontece nos dias 26 e 27 de abril, a partir das 9h, no Ginásio Poliesportivo do Pacaembu (Rua Capivari, altura do número 216 – Portão 23). A programação contará com Abertura Oficial, Painel de Abertura, Grupos de Trabalho e Plenária Final, totalizando ao menos 12 horas de debates, conforme as diretrizes nacionais.

GRÁFICA
DIÁRIO DO LITORAL
13. 3307.2601
grafica@diariodolitoral.com.br
Rua General Câmara, 254 | Centro | Santos

DIÁRIO do litoral.com.br

Informação é Tudo
Somos Impresso.
Somos Digital.
Somos Conteúdo.
Diário do Litoral - 26 anos

SERGIO SOUZA
Fundador

ALEXANDRE BUENO
Diretor-Presidente

DAYANE FREIRE
Diretora-Administrativa

ARNAUD PIERRE COURTADON
Editor-Responsável

JORNAL DIÁRIO DO LITORAL LTDA · Fundado em 12/11/1998 · **Jornalista Responsável:** Alexandre Bueno (MTB 46737/SP) **· Agências de Notícias:** Agência Brasil (AB), Folhapress (FP) **· Comercial e Redação:** Rua General Câmara, 141 SALA 82 - Centro - Santos. CEP: 11010-121 - Fone: 13. 3307-2601 **· Parque Gráfico:** Rua General Câmara, 254. Centro - Santos. CEP: 11010-122. **São Paulo:** Rua Tuim, 101-A - Moema, São Paulo - SP - CEP 04514-100 - Fone: 11. 3729-6600 · Matérias assinadas e opiniões emitidas em artigos são de responsabilidade de seus autores.

FALE COM DIÁRIO

Fundador - Sergio Souza
sergio@diariodolitoral.com.br
Diretor Presidente - Alexandre Bueno
alexandre@diariodolitoral.com.br
Diretora Administrativa - Dayane Freire
administracao@diariodolitoral.com.br
Editor Responsável - Arnaud Pierre
editor@diariodolitoral.com.br
Site e redes sociais
site@diariodolitoral.com.br

Fotografia
fotografia@diariodolitoral.com.br
Publicidade
publicidade@diariodolitoral.com.br - marketing@diariodolitoral.com.br
Financeiro
financeiro@diariodolitoral.com.br
Gráfica
grafica@diariodolitoral.com.br

Telefone Gráfica e Redação
13. 3307-2601
Site - www.diariodolitoral.com.br

GRUPO GAZETA DE S. PAULO
Edição digital certificada: DocuSign
Jornal Associado: ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

CHARGE





Célio Egidio

celioegidio@gmail.com
Colaborador

DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO

Collor é o 3º ex-presidente preso



JEFFERSON_RUDY_-_AGENCIA_SENADO

O ex-presidente da República Fernando Collor foi condenado em 2023 por corrupção e lavagem de dinheiro, acusado de receber R$ 20 milhões em propinas por negócios da BR Distribuidora, subsidiária da Petrobras, entre 2010 e 2014. Collor, como senador, teria sido pago pela UTC Engenharia, em troca de sua influência política, para facilitar obras e indicar diretores à subsidiária da Petrobras. A denúncia nasceu no âmbito da Lava Jato. Operação que apurou uma série de fraudes envolvendo a Petrobras.

No Brasil, escândalos envolvendo políticos são rotineiros, mudam o modus operandi, mas sem grandes consequências gravosas aos envolvidos. Na Alemanha, nos anos 2000, houve um grave caso de corrupção envolvendo o ex-chanceler federal Helmut Kohl. As reformas legais e partidárias foram, de imediato, a fim de corrigir tal distorção. Lembrando que Kohl foi até indicado para o prêmio Nobel, na época da reunificação. No Brasil, após a operação Lava Jato pouco se alterou, veja o último golpe do INSS que prejudicou vários pensionistas e aposentados. A questão legal tem sido ineficaz, como resultado prático, a história nos ensina dessa forma.

A novidade é a prisão, isso se realmente permanecer preso, de mais um ex-presidente, completando a tríade de ex-presidentes encarcerados. Nesse rol temos o ex-presidente Lula (PT) e Michel Temer (MDB). No caso de Temer, foi somente uma prisão preventiva, os outros em sentença condenatória. O eleitor brasileiro pode pedir música para um quadro do programa Fantástico da Rede Globo, pois completamos três prisões. Ironias à parte, a família Collor de Melo está na política há mais de um século, seu avô Lindolfo Collor foi deputado federal na década de 1920. As dinastias permanecem e os desvios também. Todos permanecem desacreditados em melhoras no curto prazo, pois a certeza da impunidade cerca o país, desde a chegada de Cabral. Os políticos não virtuosos agradecem, só há um senão, o crime organizado está utilizando as mesmas ferramentas e isso poderá realmente ser pernicioso para todos.

Ironias à parte, a família Collor de Melo está na política há mais de um século, seu avô Lindolfo Collor foi deputado federal na década de 1920. As dinastias permanecem e os desvios também

Célio Egidio é jornalista, advogado, Doutor em Direito pela PUC-SP e assessor parlamentar.

DADO. Informação é do representante da Frente para a Moradia da Baixada Santista

Dez mil buscam moradias em Santos

A recente ocupação de um terreno que integra as conhecidas Zonas Especiais de Interesse Social (ZEISs), na Rua Júlio Conceição, na Vila Mathias, em Santos, pode ser considerado um verdadeiro apelo social. No caso, a iniciativa envolve 300 pessoas ligadas a movimentos de luta por moradia na Cidade, dentro de um contingente estimado de 10 mil pessoas que aguardam um teto digno.

Em entrevista ao Diário, o representante da Frente para a Moradia da Baixada Santista, Luiz Pereira dos Santos, o Lula, revelou que o número acima consta somente no banco de espera do Conselho Municipal de Habitação. "São 12 grupos de moradia. O poder público, há mais de 20 anos, não atende nossos pedidos. O objetivo é a habitação de interesse social. Em Santos, não há condições de uma pessoa pagar aluguel. Muitos, inclusive, têm ido para outros municípios", ressalva Lula.

A liderança disse que está tentando, com a Secretaria de Patrimônio da União (SPU), a conquista definitiva do terreno da Rua Júlio Conceição para moradias populares, já que a Prefeitura de Santos, por intermédio da Companhia de Habitação da Baixada Santista (COHAB-Santista), se mantém inerte.

"Temos o Conselho e a COHAB que, infelizmente, não têm nos apresentado uma perspectiva de moradia a curto prazo. Temos vários projetos na cidade que é para atender somente demanda dirigida e área de risco. Os movimentos de moradia ficam em terceiro, quarto plano", afirma Lula.

Segundo revela, Santos possuía pelo menos seis terrenos em áreas de ZEIS, que estavam disponíveis há quase duas décadas. No entanto, dois terrenos na Avenida Ana Costa, que eram destinados a moradias populares por estarem em ZEIS, foram arrematados em leilão pela Construtora Macuco (ver nesta reportagem), assim como outro no antigo estacionamento da Portuguesa Santista, para um empreendimento, após mudanças no Plano Diretor da Cidade. O assunto foi até objeto de denúncia na Câmara de Vereadores.

"Existe um processo judicial envolvendo essas questões. Uma juíza pediu vistas. Fizemos várias audiências públicas e em tratativas com a SPU para a posse total do terreno. A conversa está bem adiantada. Nossa ocupação é pacífica e visa garantir a construção de moradias para 300 pessoas", finaliza Lula.

SPU.
O diretor regional da SPU Emerson Santos afirma que dois terrenos – um na Prainha e no Jabaquara – estão sendo destinados à construção e mais um, entregue o ano passado, que é o Bananal, em sessão ao Município, que pegou recurso do Governo do Estado para construções via Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU).

"Temos dois terrenos da União Federal que estão sendo construídos pelo Minha Casa Minha Vida. Um deve terminar esse ano, que é lá na Ponta da Praia, na Vila Sapo, e o outro na retomada das obras dos cortiços. Fora isso, a SPU fez destinação de cinco áreas na Baixada - São Vicente, Cubatão, Itanhaém e duas em Santos, sendo uma na rua São Paulo e o outra na Praça da República. Tem ainda duas áreas em que serão construídas 200 unidades", afirma.

Santos explica que será lançado um novo edital para produção de unidades da Minha Casa Minha Vida. "Desde o ano passado, estamos nos reunindo com os movimentos de moradia para que eles apresentem sugestões. Tem uma no Caneleira Cinco e outra na Avenida Comendador Martins. Tem ainda o retrofit no Centro".

Ele revela um volume muito grande de moradias, principalmente na cidade de Santos, que estão em construção ou foram transferidos para o Movimento. "Tem mais um conjunto de áreas que estamos disponibilizando para o Minha Casa Minha Vida Entidades. Lembrando que a SPU não discute demanda. Nossa atuação vai até o processo de destinação da área", afirma.

Emerson Santos finaliza explicando que não pode fazer uma destinação dirigida para um ou outro movimento. "Temos que fazer um edital público em que diversas entidades podem participar. Aquelas de melhores condições para a execução do projeto são aprovadas pelo Ministério das Cidades", finaliza.


Reprodução/YouTube

O bairro São Manoel, em Santos, foi contemplado no Periferia Viva do Governo Luiz Inácio Lula da Silva


CARLOS RATTON/DL

Representante da Frente para a Moradia da Baixada Santista, Luiz Pereira dos Santos, o Lula

Luiz Pereira dos Santos, o Lula, revelou que o número acima consta somente no banco de espera do Conselho Municipal de Habitação

CÂMARA.
Em pronunciamento recente na Câmara, o vereador e médico infectologista Marcos Caseiro (PT) não poupou críticas à aprovação, pelo Conselho de Desenvolvimento Urbano (CMDU) de Santos, da continuidade de um processo referente às áreas na Avenida Ana Costa.

"A decisão ignora a participação social, fragiliza as áreas de ZEIs, empurra moradores de baixa renda para regiões onde a oferta de serviços públicos é menor e privilegia uma empresa do ramo imobiliário. Mas tudo isso só foi possível porque temos um Legislativo que não legisla a favor do povo, mas de interesses privilegiados", disparou o parlamentar. "O prédio de luxo será erguido pela Construtora Macuco, que comprou a área social por uma bagatela", completou.

Lembrou que em troca a empresa destinará pouco mais de cinco milhões para a construção de moradias populares bem longe. "Em locais onde falta lazer, cultura e eficiência nos serviços. Lá onde os alagamentos são mais constantes e de onde as trabalhadoras e os trabalhadores gastam mais tempo para chegar no emprego". **(Carlos Ratton)**

Questão das ZEIS envolve mudança no Plano Diretor

Os dois terrenos arrematados da Avenida Ana Costa, números 80 e 89, geraram controvérsias. Eles pertenciam à União e foram arrematados em leilão online promovido no final do Governo Bolsonaro. O lance vencedor foi de R$ 6,4 milhões.

Um novo Plano Diretor do Município foi sancionado em dezembro do ano anterior (2022) e o mecanismo que permitia a retirada de imóveis das áreas de ZEIS a partir do pagamento da contrapartida ao Município foi proposto pela Câmara. O dispositivo estaria amparado pelo Estatuto das Cidades.

Na ocasião, o secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano de Santos, Glaucus Renzo Farinello, afirmou que a contrapartida a ser paga pela Macuco – R$ 5,3 milhões - à Prefeitura com o objetivo de liberar a construção de empreendimentos por conta da compensação pela mudança na classificação das duas áreas, incluídas na ZEIS Vila Mathias, deveria ser suficiente para comprar um terreno capaz de abrigar até 300 moradias populares.

A alteração na classificação dos dois terrenos foi submetida à Prefeitura e motivou a proposição de um mandado de segurança por parte da Defensoria Pública do Estado (DPE).

Em "tutela de urgência", a juíza Fernanda Menna Pinto Peres, da 1ª Vara da Fazenda Pública chegou a suspender a tramitação do Procedimento Administrativo nº 011617/2023-39 por suposta falta de transparência.

A Administração afirmara na ocasião que fez diversas reuniões para tratar do tema, tanto que o Conselho Municipal de Habitação aprovou o pleito do grupo (Construtora Macuco) sem nenhum voto contrário. .

Sobre a ocupação, a Prefeitura de Santos confirmou que o terreno da Rua Júlio Conceição pertence a SPU, está localizado em área de ZEIS e deve ser destinado para habitações de interesse social.

Sobre a questão dos terrenos da Avenida Ana Costa, informa que pertencem à União, que foram vendidos (alienados) pelo próprio Governo Federal ao grupo empresarial (Macuco). **(Carlos Ratton)**



CARLOS RATTON/DL

Novo Plano Diretor foi sancionado em dezembro de 2022 e mecanismo que permitia retirada de imóveis das áreas de ZEIS a partir do pagamento da contrapartida ao Município foi proposto pela Câmara



O PRESIDENTE perdeu!

O Supremo Tribunal Federal venceu. E não é a primeira vez. Várias decisões do governo são derrubadas sob a acusação de serem inconstitucionais. O braço de ferro entre os poderes da República é inevitável. Não se espera um golpe de Estado em um país com a democracia consolidada. Mas, com as diferentes interpretações dos atos do governo, parece que há uma competição e os juízes exacerbam na sua ânsia do poder. Mais uma vez é lembrado que os membros do Poder Judiciário não são eleitos, não têm mandato popular. Apenas o Executivo e o Legislativo o têm, e isso faz os políticos pensarem que na carroça que representa o país, dois cavalos puxam de um lado, e um cavalo puxa para o outro. Um embate de dois a um com prejuízo para a segurança jurídica e o desenvolvimento de um plano para arrancar a nação da profunda crise econômica e financeira que persiste – e cuja vítima principal é a população de baixa renda.

Há quem defenda a mudança na fórmula de escolha dos ministros do Supremo Tribunal Federal. Qual é a reforma possível para a Corte? Do Poder Executivo há a iniciativa de aumentar o número de juízes sob o argumento de que os atuais não dão conta das inúmeras exigências jurídicas. Para cada magistrado que completasse 70 anos seria nomeado mais um juiz. Uma declaração aberta de que uma pessoa idosa não tem condições de julgar as causas, principalmente as que envolvem os interesses do governo. O debate cruza o país de norte a sul. A imprensa se envolve e as versões da direita e da esquerda descambam para o campo ideológico. É inevitável. A burguesia industrial, associada aos proprietários de terras, acusa o governo de querer socializar o país com imposições inaceitáveis e ameaça à propriedade privada, seja ela na forma de bens de produção, seja do capital financeiro dos bancos e das bolsas de valores. Por sua vez, a esquerda acusa os conservadores de se aproveitarem da crise, acumularem ainda mais fortunas, com as riquezas nacionais nas mãos da elite nacional. Só o Supremo Tribunal tem poder para decidir os limites das ações propostas pelos partidos.

> **O braço de ferro entre os poderes da República é inevitável. Não se espera um golpe de Estado em um país com a democracia consolidada. Mas, com as diferentes interpretações dos atos do governo, parece que há uma competição e os juízes exacerbam na sua ânsia do poder. Mais uma vez é lembrado que os membros do Poder Judiciário não são eleitos, não têm mandato popular. Apenas o Executivo e o Legislativo o têm, e isso faz os políticos pensarem que na carroça que representa o país, dois cavalos puxam de um lado, e um cavalo puxa para o outro.**

O presidente tem o privilégio de ocupar o Poder Executivo pelo terceiro mandato. Isso nunca aconteceu na história da República. Contribui para isso o crack da Bolsa de Nova York e a crise do capitalismo, que nasceu nos Estados Unidos e se espalha pelo mundo. Ninguém escapa de seus efeitos. Nem mesmo o Brasil. O democrata Franklin Delano Roosevelt ganha a eleição presidencial com um plano debaixo do braço, o New Deal. Busca apoio em novas visões de economistas americanos e britânicos, que incentivam uma intervenção forte do Estado na economia, coisa considerada uma heresia pelos conservadores de todo tipo. Há um juiz no meio de caminho, no meio do caminho há um tribunal que derruba ações do governo consideradas inconstitucionais. Roosevelt junta suas forças no Capitólio e parte para reformar o tribunal. A reação republicana é imediata e ele é acusado de querer subjugar a Justiça, o que vai de encontro ao ideal dos pais fundadores da nação americana. A luta termina com um knockout. Roosevelt vai à lona. Isso não o impede de sobreviver politicamente, envolver os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, ajudar a derrotar os nazistas e os imperialistas japoneses. Seus três mandatos são marcantes na história nacional norte-americana não só pelo plano de recuperação da crise econômica com o New Deal, mas pela transformação dos Estados Unidos na nação hegemônica do mundo em 1945. Mesmo tendo adoecido e governado durante o período final de uma cadeira de rodas.

__Heródoto Barbeiro__ é jornalista da Nova Brasil (89.7), além de autor de vários livros de sucesso, tanto destinados ao ensino de História, como para as áreas de jornalismo, mídia training e budismo. Apresentou o Roda Viva da TV Cultura e o Jornal da CBN. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB.

BRASÍLIA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e governo do Distrito Federal anunciaram parceria para o projeto (no valor de R$ 744,6 mil)

Praça dos Três Poderes será reformada até 2026

» "Ela é como minha mãe". A "filha" é a vendedora de artesanato Raimunda Rodrigues, de 63 anos, que diz ter uma relação de afeto com a Praça dos Três Poderes. Trata-se do cenário de trabalho dela há mais de quatro décadas, Lá, oferece aos visitantes miniaturas de estátuas ou monumentos, como "Os Candangos".

Conhecedora do local, que deu a ela o sustento, Raimunda entende que é necessário melhorar a estrutura da praça mais famosa do Brasil para que mais gente escolha o lugar, que fica no encontro do Palácio do Planalto, do Congresso e do Supremo Tribunal Federal, como passeio público.

Representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do governo do Distrito Federal anunciaram parceria para o projeto (no valor de R$ 744,6 mil) e obra para revitalizar a praça em Brasília, com estimativa de aproximadamente R$ 22 milhões de custo no contexto do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Esse valor seria captado por meio da Lei Rouanet (número 8313/1991). A previsão é que se o cronograma de obras for seguido, as obras sejam entregues no segundo semestre do ano que vem, com começo previsto para julho deste ano.

Além da Praça dos Três Poderes, o Iphan anunciou a destinação de mais recursos do Novo PAC: R$ 500 mil para o desenvolvimento do projeto de restauro do Museu Vivo da Memória Candanga e R$ 200 mil para o Catetinho, ambos em parceria com o GDF.


AGÊNCIA BRASIL
Além da Praça dos Três Poderes, o Iphan anunciou a destinação de mais recursos do Novo PAC

SEGURANÇA. "Precisamos que a Praça dos Três Poderes tenha essas adaptações, fluidez e que esteja segura", disse o presidente do Iphan, Leandro Grass. Em relação à segurança, a memória dos ataques antidemocráticos do dia 8 de janeiro de 2033 foi informação importante para a reforma do lugar.

Os vândalos utilizaram as pedras portuguesas que fazem parte do piso da praça para atacar policiais que tentavam afastar as pessoas. "Essa praça não pode ser campo de batalha, de guerra, ou de terrorismo. Tem que ser a praça para o povo".

Estão incluídas na reforma do local a recuperação completa do piso e das estruturas comprometidas, o restauro das obras de arte, a iluminação da praça e dos monumentos, a acessibilidade para pessoas com deficiência, a melhoria da drenagem do local, da sinalização visual e turística e ainda a inclusão de câmeras de segurança.

Estão previstos novos bancos e coberturas de forma que o passeio não se encerre rapidamente nos dias muito quentes ou de chuva.

A definição das prioridades, segundo os profissionais do Iphan, partiu de uma consulta pública, da qual participaram mais de 100 cidadãos que pediram melhoria no local.

As obras que passarão por restauro são a escultura "Os Candangos", o Museu da Cidade, as hermas (esculturas) de Israel Pinheiro, de Juscelino Kubitschek e Tiradentes, o Pombal, o espaço Lúcio Costa e o Marco Brasília.

"Nós queremos cidadãos e cidadãs também de outras regiões do DF".

VAZIO. Na Praça dos Três Poderes, o casal carioca Andrea Lourenço, de 48 anos, e Gleifer Machado, de 45, estava encantado em andar na Praça dos Três Poderes, mas achou o lugar com pouco movimento.

"Nesse lugar, que é tão importante para o país, esperava mais pessoas", disse a bancária. "Pensei que poderia ter mais estrutura mesmo para andar por aqui", afirmou o corretor de imóveis.

Ao saber da previsão da reforma da praça, disseram que, na próxima visita, esperam passear à noite pelo local, até ouvir música ali, onde o silêncio só era quebrado pelo vai-e-vem dos carros e ônibus na região central da capital. **(Luiz Claudio Ferreira)**

Demarcar territórios é luta contínua dos povos indígenas, afirma Sônia Guajajara

» A ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, defendeu, na última terça-feira, que o mês de abril é de comemoração, mas também de lutas e de entregas concretas às comunidades originárias no Brasil. A ministra disse que a pauta indígena precisa ir além de um dia (19 de abril). Ela ressaltou que é possível perceber que há um aumento da adesão às causas.

"Um dia é muito pouco para falar de tantas pautas. A principal bandeira de luta dos povos indígenas sempre foi e continua sendo a demarcação dos territórios", explicou Sônia Guajajara.

A ministra acrescentou que foram firmadas parcerias com diferentes ministérios em prol das temáticas, como a efetivação do aumento da imunização contra doenças nos territórios. Inclusive, no próximo sábado (26), será lançado o mês da vacinação na Bahia.

Outras parcerias envolvem ampliar a educação nos estados e também fomentar a agricultura indígena. "São várias as iniciativas que a gente faz para que a gente entregue ações concretas nos territórios".


BRUNO PERES/AGÊNCIA BRASIL
A ministra dos Povos Indígenas Sônia Guajajara alerta para participação dos povos na COP30

Em relação ao meio ambiente, a ministra contextualizou que lideranças indígenas participarão de agendas do evento oficial da COP 30, em Belém, e também de agendas paralelas em propostas contra as mudanças climáticas.

"É importante abrir os espaços para os indígenas participarem e terem também esse direito de escuta direta", afirmou.

Sônia Guajajara ressaltou que os indígenas são os principais guardiões da biodiversidade e também os primeiros mais impactados com os fenômenos extremos.

"Temos um modo de vida que protege, que preserva, que cuida das nascentes, que tem água limpa, que tem alimento sem veneno. É muito importante que as pessoas entendam isso para hoje e também para as futuras gerações". **(Luiz Claudio Ferreira)**

'O NOVO AGORA'. Autor conta história de seu deslumbramento ao virar pai, após obra sobre a mãe passar a vender 50 vezes mais

Paiva dedica novo livro aos filhos após boom de 'Ainda Estou Aqui'



DIVULGAÇÃO

"O Novo Agora" cobre os mais recentes acontecimentos na vida do autor — de 2014 quando se sentiu um artista quase obsoleto até a sua volta aos holofotes

Foi na Flip de 11 anos atrás que Marcelo Rubens Paiva ouviu pela primeira vez em público uma gravação da voz de seu pai, o ex-deputado Rubens Paiva, feita exatamente no dia do golpe de 1964, conclamando a população a resistir aos militares.

Logo depois, foi a primeira vez também que narrou trechos ainda crus de seu "Ainda Estou Aqui", sobre o calvário que engoliu sua família com o desaparecimento do pai. Fez isso em meio "a um maremoto de emoções", segundo seu relato, e interrompeu a leitura duas vezes, com rosto molhado e garganta travada de lágrimas.

Naquela mesmíssima edição da Festa Literária Internacional de Paraty, a atriz Fernanda Montenegro circulava pela cidade pedregosa para prestigiar a participação de sua filha, Fernanda Torres, como autora convidada. O resto é história de cinema.

A lembrança aparece no livro que Paiva lança agora, "O Novo Agora", que cobre os mais recentes acontecimentos na vida do autor -do momento em 2014 no qual se sentia um artista quase obsoleto, à beira da aposentadoria, até a volta aos holofotes que o encaminhou a um novo ápice.

Durante esta entrevista em sua casa em São Paulo, o escritor de 65 anos brinca que o frio na barriga às vésperas de "O Novo Agora" está parecendo o de um autor prestes a publicar seu segundo livro - ele já tem 17.

Mas faz sentido, porque "Ainda Estou Aqui" deu um salto estrondoso com a estreia de sua adaptação em filme, que renderia o primeiro Oscar do Brasil.

O livro passou a vender 50 vezes mais após a exibição do longa de Walter Salles no Festival de Veneza, segundo o grupo Companhia das Letras, e ultrapassou em janeiro a marca de 100 mil exemplares.

"É uma surpresa, né? Eu estar na Europa sendo traduzido, dando palestra na Sorbonne, sendo chamado para um monte de feira literária, tendo que dizer não a convites", diz o autor em seu escritório, mostrando ao repórter sua recém-inaugurada agenda do Google, uma obrigação burocrática a que teve que ceder diante de tantos compromissos.

"É surpreendente ver que minha literatura tem alguma substância que está comovendo até fora do Brasil. Meus livros ficaram na lista dos mais vendidos décadas depois de publicados, isso não é praxe no mercado."

A obra sobre Eunice Paiva virou febre na Itália, por exemplo, e será editada no ano que vem nos Estados Unidos e Reino Unido pela Charco Press. "O Novo Agora", antes mesmo de sair por aqui, já tem contrato para ter uma edição portuguesa pela Dom Quixote.

"As pessoas gostam do estilo pouco ortodoxo da minha literatura. Esse livro novo também foge da narrativa linear, vai da maternidade ao Baixo Augusta."

O próprio autor vinha duvidando de sua "literatura de digressões", mas sempre teve incentivos na hora certa. Se o editor Caio Graco convenceu Paiva de que dentro dele havia "Feliz Ano Velho", dessa vez o empurrão foi de Luiz Schwarcz, fundador da Companhia das Letras.

"Eu falei a mesma coisa que disse ao Graco: que interesse tem nisso?", afirma Paiva. "Na época foi:, quem vai querer ler a história de um garoto que fica paraplégico aos 20 anos? Agora foi: quem vai se interessar por um cara de cadeira de rodas criando dois filhos?"

Isso porque "O Novo Agora" é sobre muita coisa, mas é acima de tudo sobre a experiência da paternidade, prenhe do deslumbramento de quem, já com quase 60 anos, deixa a vida se reinventar pelo olhar astuto de dois meninos que chama, durante o livro inteiro, de Moreno e Loirinho.

PATERNIDADE.

"O pai cadeirante os obrigou a um comportamento diferente, assim como um pai morto me obrigou: a crescermos mesmo enquanto somos crianças", escreve ele, em uma síntese eficiente.

É a primeira autobiografia em que Marcelo deixa a posição de filho -e não é por acaso que contenha o relato da morte de Eunice Paiva- para assumir a de pai.

Entre mil causos e anedotas, um dos prazeres de "O Novo Agora" é procurar essas rimas geracionais. Durante uma manifestação solene em razão dos 60 anos do golpe, o menino mais novo de Marcelo, aos sete anos, escreve com giz no asfalto da rua: "Onde está meu vovô, assinado Moreno".

São traços de uma vida pessoal inextricável da política, querendo seus membros ou não. O livro é contaminado pelo incômodo de Paiva com comentários odiosos que são dirigidos a ele ao vivo e na internet, não raro com termos violentos sobre sua tetraplegia.

"O Brasil vai demorar para se recuperar desse período em que a violência foi para as ruas e para as redes sociais, em que a polarização atingiu um grau de insanidade, de indecência. Quando você se torna pai, tudo o que quer é um mundo com amor, estabilidade, com a ideia de um futuro progressista."

O livro sobrevoa obstáculos sérios da última década -o divórcio, a pandemia, a sensação de caça às bruxas com seus projetos sendo cancelados durante o governo Jair Bolsonaro-, mas Paiva termina o arco com otimismo. Afinal, o presente é de pujança, entre os shows de sua banda Lost in Translation e a divulgação de seus livros.

Ainda que tenha assegurado presença na Feira do Livro, em São Paulo, ele teve que recusar convites para retornar à Flip em duas casas da programação paralela. Vale, então, se deter um pouco mais na última visita de Paiva ao festival, lá em 2014.

Numa das vezes em que interrompeu o relato sobre seus pais, tomado pela emoção, Marcelo lia uma cena que se tornaria das mais emblemáticas de "Ainda Estou Aqui". "Minha mãe deu o tom: a família Rubens Paiva não chora em frente às câmeras, não faz cara de coitada, não se faz de vítima. A família Rubens Paiva..."

Aí ele se cala. Respira, bebe água, seca os olhos. "Eu fui pai agora. Meu menino tem cinco meses e meio", diz, finalmente, com a boca tremendo. "Eu estou vendo tudo isso com outros olhos."

(Walter Porto/FP)

Via Streaming

por Kreitlon Pereira
colunavia@gmail.com

Série da Amazon Prime retrata bastidores do mundo do balé

Ao longo dos séculos, o ballet se tornou uma dança sinônimo de tradição, disciplina e leveza. Muitas vezes associado a países como Rússia e França – afinal, foram os que aperfeiçoaram a técnica e criaram as primeiras companhias de ballet do mundo –, essa dança se espalhou pelo mundo todo e, até hoje, se mantém relevante no cenário cultural do mundo. Um exemplo disso é a nova série original da Amazon Prime Video, "Étoile: A Dança das Estrelas", dos mesmos criadores de "Maravilhosa Mrs. Maisel" e "Gilmore Girls". A produção estreia no dia 24 de abril e se passa nos bastidores de duas prestigiadas companhias de ballet.

Quando a série começa, ambas as instituições estão passando por graves crises internas, causadas pela falta de público em seus teatros, o que impacta diretamente na venda de ingressos de suas bilheterias. Para salvarem essa expressão artística e suas tradições, os diretores da companhia Metropolitan Ballet Theater (Luke Kirby), em Nova Iorque, e a diretora do Le Ballet National (Charlotte Gainsbourg), em Paris, decidem fazer uma troca de bailarinos. O objetivo era que a chegada de novos rostos gerasse publicidade e interesse do público – porém as coisas não vão ser tão simples assim.

Por conta desse arranjo, Nova Iorque recebe a primeira bailarina Cheyenne (Lou de Laâge) e Paris recebe Mishi (interpretada pela bailarina profissional Taïs Vinolo), que é francesa. Essa mudança irá mexer completamente com a rotina dos dançarinos e da equipe artística, provocando revoltas. Além disso, a série também irá retratar como os bastidores do mundo da dança podem ser repletos de egos hipertrofiados, rivalidades antigas e alianças inesperadas. Um ponto positivo de "Étoile: A Dança das Estrelas" é que diversos dançarinos profissionais compõem seu elenco – como os primeiros bailarinos Tiler Peck e Unity Phelan, do New York City Ballet, e John Lam, do Boston Ballet.



DIVULGAÇÃO

Tomada para dois

"MADE IN CHINA". A chinesa Omoda & Jaecoo chega ao Brasil com o lançamento do crossover elétrico Omoda E5 e do utilitário esportivo híbrido plug-in Jaecoo 7


PEDRO DHANTAS

A Omoda & Jaecoo, marca internacional do conglomerado automotivo chinês Chery, completou este mês dois anos da sua estreia. Com vendas globais de mais de 490 mil unidades desde sua criação, em 2023, a companhia tem como missão globalizar as marcas Omoda e Jaecoo – a primeira foca em um público jovem, atraído por tecnologias mais futuristas, enquanto a segunda quer atingir os consumidores abonados que são fãs dos SUVs robustos. Os modelos da Omoda & Jaecoo já estão no Reino Unido, na Espanha, Polônia, Itália, Rússia, Austrália, África do Sul e no México – e o Brasil é o quadragésimo terceiro mercado da companhia. Acabam de chegar às 50 lojas brasileiras da marca, distribuídas por 17 Estados, os modelos Omoda E5 e o Jaecoo 7. "Com o lançamento do Omoda E5 e do Jaecoo 7, buscamos transformar a experiência dos consumidores brasileiros para uma nova era tecnológica, com sustentabilidade, segurança e conforto", comemora Shawn Xu, vice-presidente da Omoda & Jaecoo (o executivo chinês pronuncia "omôdanjêicu").

A empresa chega ao Brasil ostentando preços competitivos em relação às concorrentes. O crossover elétrico médio Omoda E5 custa R$ 209.990 e o utilitário esportivo médio híbrido plug-in Jaecoo 7 sai por R$ 229.990 na versão Luxury e R$ 249.990 na topo de linha Prestige. Além destes, a Omoda & Jaecoo já planeja a vinda de outros modelos para o mercado nacional, e pretende ter uma fábrica no Brasil. Para os 2 mil primeiros compradores de Jaecoo 7 e Omoda E5, a fabricante promete três anos de revisões e de abastecimento gratuito. A "gratuidade de abastecimento" será efetivada por meio de um desconto: R$ 10 mil no caso do Jaecoo 7 e R$ 5 mil para o Omoda E5.

Com tração dianteira, o Omoda E5 é movido por um motor elétrico Flat Wire de 204 cavalos e 34,6 kgfm, capaz de levar o crossover da imobilidade aos 100 km/h em 7,6 segundos, com velocidade máxima de 172 km/h. A bateria de 61,1 kWh oferece autonomia de 345 quilômetros, segundo o Inmetro. Permite carga de 80% em cerca de 30 minutos, com a utilização de estação de carregamento de 80 kW. Com 4,42 metros de comprimento, 1,83 metro de largura, 1,58 metro de altura e 2,63 metros de entre-eixos, o Omoda E5 é um crossover 100% elétrico com design moderno e futurista. A frente aerodinâmica, com traços leves e grade fechada, enfatiza a natureza elétrica. O para-choque tem estilo esportivo e os faróis longilíneos em leds se integram com as luzes diurnas. As maçanetas das portas embutidas e as rodas de liga leve 18 polegadas colaboram para o visual limpo. Na traseira, um aerofólio reforça a aerodinâmica, enquanto a linha de teto inclinada remete aos cupês. O Omoda E5 vem com airbags frontais duplos, laterais dianteiros e de cortina e é oferecido em cinco cores: Branco Artic, Prata Alya, Cinza Centaurus, Preto Andromeda e Azul Antares.

Assim como o Omoda E5, o SUV híbrido plug-in Jaecoo 7 obteve boa receptividade em vários mercados globais desde o lançamento mundial, há dois anos. Com tração dianteira, é equipado com um "powertrain" que a marca chama de SHS (Super Hybrid System), que combina o motor a gasolina 1.5 turbo, em ciclo Miller, com um elétrico síncrono de imã permanente e transmissão de dupla embreagem (DCT) de 7 velocidades. O motor elétrico contribui com 204 cavalos, enquanto o propulsor a combustão fornece 135 cavalos, resultando em potência combinada de 339 cavalos e 52 kgfm. Conforme o Inmetro, a autonomia total do Jaecoo 7 pode atingir 1.200 quilômetros. A bateria de lítio de 18,3 kWh oferece autonomia puramente elétrica de até 79 quilômetros, com recarga rápida de 20% a 80% em 20 minutos utilizando carregador de 40 kW.

Com 4,50 metros de comprimento, 1,85 metro de largura, 1,67 metro de altura e 2,67 metros de distância de entre-eixos, o Jaecoo 7 se destaca pela estética robusta e contemporânea, com linhas fluidas. A grade imponente com frisos verticais é ladeada por faróis horizontais alongados e por auxiliares de neblina, todos em leds. Na traseira, as lanternas são horizontalizadas e o aerofólio reforça o aspecto esportivo. Ambas as versões do modelo vêm de fábrica com airbags frontais duplos, laterais dianteiros, de cortina e de joelho para o motorista, mas a "top" Prestige incorpora sistemas avançados de assistência ao motorista (ADAS 2.5). O Jaecoo 7 é disponível nas cores Branco Artic, Prata Crest (com opção dual tone, com teto preto), Cinza Highland (com opção dual tone) e Preto Andromeda.

DUAS VISÕES DO REQUINTE. Veículos de porte similar, Omoda E5 e Jaecoo 7 oferecem amplo espaço para cinco pessoas e bom padrão de acabamento, com revestimentos que aparentam qualidade. Têm várias características internas comuns, entre elas, coluna de direção com regulagem de altura e profundidade, volante multifuncional revestido em couro sintético (com controles de som, telefone, comando por voz, computador de bordo e piloto automático), alavanca de câmbio com haste no volante, sistema de monitoramento individual de pressão dos pneus, ar-condicionado digital automático "dual zone", carregador de celular por indução e bancos revestidos em couro sintético – os frontais têm ajustes elétricos. O som da Sony também é o mesmo.

No crossover elétrico Omoda 5, de aspecto interno mais futurista e tecnológico, destacam-se as duas telas digitais de 12,3 polegadas para o painel de instrumentos e o sistema de entretenimento, que oferece conectividade Apple CarPlay e Android Auto sem fio e tecnologia de controle por voz. A chave de proximidade permite a entrada e a partida. O porta-malas tem capacidade para 340 litros.

Já o híbrido Jaecoo 7 ostenta cabine no estilo "rústico chique", típico dos SUVs mais requintados. O ar minimalista, com pouco botões, é viabilizado pelo multimídia, com tela multimídia vertical de 14,8 polegadas, que concentra muitas funções (inclusive os ajustes dos retrovisores) e suporta reconhecimento facial e atualizações "over-the-air". A câmera disponibiliza imagens externas panorâmicas na tela do multimídia. O sistema de infoentretenimento oferece conectividade Apple CarPlay e Android Auto sem fio. O teto solar panorâmico aumenta a sensação de amplitude, e o porta-malas leva até 500 litros. **(Luiz Humberto Monteiro Pereira-AutoMotrix)**


Assim como o Omoda E5, o SUV híbrido plug-in Jaecoo 7 obteve boa receptividade em vários mercados globais desde o lançamento mundial


A "gratuidade de abastecimento" será efetivada por meio de um desconto: R$ 10 mil no caso do Jaecoo 7 e R$ 5 mil para o Omoda E5


Omoda E5 e Jaecoo 7 acabam de chegar às 50 lojas brasileiras da marca, localizadas em 17 Estados

FICHA TÉCNICA

JAECOO 7

Motor a gasolina: 1.5 turbo, 1499 cm3, 4 cilindros em linha, DOHC, 16 válvulas, injeção direta (TGDI). Potência: 135 cavalos de 1.750 a 5.200 rpm. Torque: 20,4 kgfm a 2.500 rpm

Motor elétrico: imã permanente motor síncrono. Bateria LiFePO4 com 18,3 kW/h. Potência: 204 cavalos a 5.500 rpm. Torque: 31,6 kgfm

Potência combinada: 339 cavalos

Torque combinado: 52 kgfm

Dimensões: 4,50 metros de comprimento, 1,85 metro de largura, 1,67 metro de altura e 2,67 metros de distância de entre-eixos

Peso em ordem de marcha: 1.795 quilos

Tanque de combustível: 60 litros

Volume do porta-malas: 500 litros

Direção: elétrica

Rodas e pneus: liga leve com acabamento diamantado, com aro 19" e pneus 235/50R19

Suspensão: dianteira independente, MacPherson, e traseira multi link

Freios: discos nas 4 rodas, com ABS, EBD, BAS e BOS

Tração: dianteira

Preço: : R$ 229.990 na versão Luxury e R$ 249.990 na versão Prestige

IMPRESSÕES AO DIRIGIR

No equilíbrio da força

O teste de apresentação do Omoda E5 e do Jaecoo 7 foi feito no Autódromo Fazenda Capuava, na cidade paulista de Indaiatuba. Na bem cuidada pista de 2,7 quilômetros de extensão, os dois modelos se mostraram bons de asfalto e bastante equilibrados nas curvas rápidas. No Omoda 5, como em qualquer veículo 100% elétrico, a principal atração é o torque instantâneo – nos motores a combustão, a entrega do torque é progressiva. Além da aceleração rápida, o crossover elétrico da Omoda & Jaecoo tem direção leve e é silencioso – também características comuns aos veículos abastecidos exclusivamente em tomadas. É um veículo divertido de se dirigir. Controles eletrônicos atuam de maneira pouco intrusiva. O Omoda E5 oferece detecção de placas de trânsito, controle de cruzeiro adaptativo (ACC), frenagem autônoma de emergência e assistente de manutenção em faixa.

O segundo modelo testado – e que, provavelmente, puxará as vendas iniciais da Omoda & Jaecoo – foi o Jaecoo 7. Com peso em ordem de marcha de 1.795 quilos, o híbrido plug-in entrega potência combinada de 339 cavalos e 52 kgfm, com relação peso/potência de 5,29 quilos por cavalos e relação peso/torque de 34,51 quilos por kgfm. São números melhores que os do Compass Blackhawk Hurricane, que parte de R$ 291.990. Com porte similar ao do Jaecoo 7, a versão esportiva do SUV médio da Jeep, que é movida por um motor 2.0 turbo a gasolina com 272 cavalos e 40,8 kgfm, tem 1.720 quilos – relação peso/potência de 6,32 quilos por cavalo e relação peso/torque de 42,15 quilos por kgfm. Contudo, apesar das relações entre o peso do veículo e a força do motor serem mais que suficientes para gerar um SUV "furioso", a característica do sistema SHS do Jaecoo 7 é fornecer acelerações suaves, como foco no conforto e sem tanto compromisso com a esportividade. A transmissão híbrida DHT de segunda geração permite quatro modos de condução: elétrico puro, híbrido em série, híbrido paralelo e recuperação de energia. O sistema atua na estratégia de distribuição de força, variando de acordo com as diferentes condições de direção para tornar o carro mais eficiente.

No asfalto, o Jaecco 7 é um SUV agradável de se dirigir e transmite sensação de consistência. Das novidades da Omoda & Jaecoo, a versão Prestige do híbrido é a que incorpora mais sistemas avançados de assistência ao motorista (ADAS). Vem com alertas de saída de faixa de rodagem, de partida do veículo à frente, de prevenção de colisão frontal (com detecção de veículos, pedestres e ciclistas), de prevenção de colisão traseira e monitoramento de ponto cego. Traz ainda assistentes de centralização na faixa de rodagem, ativo de prevenção de colisão traseira em tráfego cruzado, de congestionamento, de controle de descida, de partida em rampa, de velocidade em curva, além de controle inteligente de farol alto, piloto automático adaptativo, frenagem de emergência e monitoramento de fadiga do condutor. No uso off-road, que não foi testado na apresentação, uma opção de tração 4x4 pode fazer falta ao Jaecoo 7.

Nova safra

JÁ NAS CONCESSIONÁRIAS. A Harley-Davidson apresenta a nova linha Cruiser 2025, com os modelos Breakout, Fat Boy, Heritage Classic, Low Rider S, Low Rider ST e Street Bob


DIVULGAÇÃO

Com seis modelos – Breakout, Fat Boy, Heritage Classic, Low Rider S, Low Rider ST e Street Bob, que volta a fazer parte do line-up –, todos equipados com o motor Milwaukee-Eight 117 em três calibrações distintas, a linha Cruiser 2025 da Harley-Davidson chega às concessionárias brasileiras. A linha traz inovações em segurança e conforto, como modos de pilotagem dinâmicos e sistemas aprimorados de ABS e controle de tração em curvas, além de design atualizado e suspensão traseira ajustável. Os novos modelos já estão disponíveis nas concessionárias brasileiras. A Breakout parte de R$ 141.950, a Fat Boy e a Heritage Classic, de R$ 139.950, a Low Rider S, a R$ 133.100, a Low Rider ST, a R$ 143 mil, e a Street Bob, a mais barata da linha, sai por R$ 119.950.

Com aprimoramentos na potência, segurança e no conforto, os modelos Cruiser 2025 são equipados com uma das três novas calibrações do motor Milwaukee-Eigh 117, cada qual ajustada para entregar um desempenho único e otimizado para diferentes estilos de pilotagem. O Milwaukee-Eight 117 Classic (Street Bob e Heritage Classic) é projetado para oferecer uma pilotagem suave e equilibrada, com curva de torque plana para desempenho consistente e fácil de administrar nas ruas. O Milwaukee-Eight 117 Custom (Fat Boy e Breakout) é ajustado para fornecer 6% a mais de potência e 5% a mais de torque do que a variante Classic. A calibração Custom garante resposta mais ágil e aceleração mais vigorosa. E o Milwaukee-Eight 117 H.O. (High Output) (Low Rider S e Low Rider ST) é voltado para motociclistas que buscam alto desempenho. E entrega faixa de rotações ampliada e som de escape mais agressivo, para quem deseja mais esportividade.

Os modelos da linha Cruiser 2025 mantêm a identidade visual clássica da Harley-Davidson, mas com toque moderno e agressivo. O chassi Softail foi otimizado para ter mais leveza, garantindo condução mais dinâmica e responsiva. Para maior conforto, a nova suspensão traseira com tecnologia de emulsão oferece ajuste de pré-carga, permitindo pilotagem mais suave e adaptada ao peso transportado. Os assentos também foram redesenhados para proporcionar mais ergonomia e suporte em viagens longas.

Toda a linha Cruiser 2025 conta com tecnologias que garantem mais segurança e conforto para o piloto. O sistema de modos de pilotagem dinâmicos ajusta automaticamente a entrega de potência e a resposta do motor, para o motociclista escolher a melhor configuração para cada situação. Os três modos disponíveis são "Rain" ("chuva") – para pilotagem em superfícies molhadas, com resposta do acelerador mais suave e maior controle de tração –, "Road" ("estrada") – para uso cotidiano com resposta linear – e "Sport" ("esportivo") – para pilotagem mais agressiva.

Os modelos incluem ainda sistemas de segurança aprimorados, como C-ABS (ABS para curvas), C-TCS (controle de tração para curvas) e C-DSCS (sistema de controle de derrapagem em torque para curvas), proporcionando estabilidade e segurança superiores ao inclinar a motocicleta. Todas as motocicletas contam com controles de cruzeiro (Cruise Control), de tração e de derrapagem em torque, sistema de monitoramento da pressão dos pneus e freios ABS. Esses quesitos já estavam nas famílias Touring e CVO. **(Edmundo Dantas--AutoMotrix)**


Todos os modelos da linha Cruiser 2025 são equipados com o motor Milwaukee-Eight 117, em três calibrações distintas


A linha traz inovações em segurança e conforto, como modos de pilotagem dinâmicos e sistemas aprimorados de ABS e controle de tração em curvasa


Os modelos da linha Cruiser 2025 mantêm a identidade visual clássica da Harley-Davidson, mas com toque moderno e agressivo

PANORAMA

Pontapé inicial

START NA LINHA DE MONTAGEM. A Nissan começa a produzir o novo Kicks no Complexo Industrial de Resende (RJ)

As comemorações dos 11 anos do Complexo Industrial de Resende da Nissan coincidiram com o início da fabricação do Kicks de segunda geração. O novo modelo envolveu investimento de R$ 2,8 bilhões da matriz japonesa, também para a produção de um motor turbo e de um SUV inédito na unidade localizada no sul do Estado do Rio de Janeiro. O start da produção do novo Kicks – que foi lançado na sua primeira geração também no Rio de Janeiro, em 2016, por ocasião dos Jogos Olímpicos na Cidade Maravilhosa – ocorreu na terça-feira da semana passada, dia 15 de abril, com presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Acompanhei toda a transformação de nossa unidade de Resende, e estamos prontos para produzir um carro que levará o segmento para outro patamar. O novo Kicks, que já é um sucesso nos Estados Unidos e no México, será muito bem recebido pelos brasileiros. Por isso, decidimos aumentar a cadência da produção na fábrica, já pensando no futuro", afirmou o argentino Guy Rodríguez, presidente da Nissan América Latina.

No total, foram instalados 98 novos robôs e criados 297 postos de trabalho na linha de produção. A fábrica ganhou ainda 29 AGVs (Automatic Guided Vehicles) completando 202 unidades desses pequenos robôs autoguiados que conduzem carrinhos de peças e plataformas. Ao mesmo tempo em que inicia a montagem do Kicks de segunda geração, a Nissan começa a desenvolver um motor turbo. A evolução na linha de montagem se deve ao avanço tecnológico dos projetos que estão sendo desenvolvidos no complexo brasileiro. Vários processos foram revistos e mais de cem empregados foram enviados para treinamentos no Japão e outros foram treinados no México, na Inglaterra e nos Estados Unidos.


O Kicks de segunda geração é um carro inteiramente novo, sendo maior que o Kicks Play e podendo utilizar motor turbo

O Kicks de segunda geração é um carro inteiramente novo em relação ao modelo lançado em 2016, inclusive tendo dimensões maiores do que o Kicks Play, modelo de primeira geração mantido em produção no complexo de Resende exclusivamente para o mercado brasileiro. O novo Kicks tem 4,37 metros de comprimentos (ante 4,31 metros do Kicks Play), 1,80 metro de largura (1,76 metro), 1,63 metro de altura (1,61 metro) e 2,66 metros de distância de entre-eixos (2,62 metros), que não mudam o novo carro de segmento mas o colocam um passo à frente comparado ao atual em todos os níveis, segundo a Nissan.

Inaugurado em 15 de abril – exatamente o mesmo dia do início da produção do novo Kicks – de 2014, o Complexo Industrial da Nissan é formado por uma fábrica de veículos e uma de motores. É uma das poucas unidades industriais inauguradas mais recentemente no Brasil que tem dentro de suas instalações da área de Estamparia até pistas de testes, passando por Chaparia, Pintura, injeção de plásticos, Montagem com todos os componentes incluindo o "powertrain" e inspeção de qualidade. O complexo conta com 2.200 empregados da Nissan, com presença de 20% de mulheres que atuam em todas as fases de montagem, inclusive na operação de máquinas pesadas computadorizadas. O número total ultrapassa 3 mil pessoas juntando os trabalhadores dos fornecedores que atendem à produção ou prestam serviços internos, em trabalho de dois turnos. A Nissan acaba de completar 23 anos no Brasil e se prepara para uma nova etapa no país e na América do Sul alinhada com seu plano global "Ambition 2030". **(Daniel Dias-AutoMotrix)**


DANIEL DIAS/AUTOMOTRIX
Novo modelo envolveu investimento de R$ 2,8 bilhões da matriz japonesa



No total, foram instalados 98 novos robôs e criados 297 postos de trabalho na linha de produção

TEMPORAIS. Mesmo com avanços, cidade ainda sofre; especialistas apontam exemplos viáveis para reduzir alagamentos e outros riscos

Santos pode evitar novas enchentes com soluções já usadas aqui e fora

Mesmo com investimentos em obras de drenagem e planos climáticos, a cidade de Santos segue enfrentando problemas graves durante temporais: alagamentos em bairros inteiros, crateras, deslizamentos de morros e prejuízos a moradores. A Zona Noroeste é uma das áreas mais impactadas. Para especialistas, a cidade precisa agora dar um passo além: investir em soluções integradas e baseadas na natureza, com inspiração em boas práticas aplicadas em outras partes do mundo.

"Santos tem avançado em ações importantes, como intervenções em áreas de risco, limpeza de canais e investimentos em monitoramento. Porém, os efeitos das mudanças climáticas exigem uma nova etapa: a integração entre planejamento urbano, infraestrutura verde e tecnologia", avalia o arquiteto e urbanista Alessandro Lopes.

Entre as soluções apontadas por Lopes está a criação de praças secas, que funcionam como espaços de lazer em dias comuns, mas se transformam em áreas de retenção de água da chuva durante tempestades. São Paulo, Curitiba e Recife já implantaram estruturas desse tipo. No exterior, o Benthemplein, em Roterdã, é um dos modelos mais citados, com capacidade para armazenar até 1.800 m³ de água.

Além disso, cidades como Cingapura, com seus parques alagáveis, e Tóquio, que usa sensores e modelagem preditiva para antecipar enchentes, mostram caminhos possíveis para Santos. Barcelona já adota inteligência artificial para operar sistemas de drenagem em tempo real.

"Em Santos, áreas públicas como praças poderiam assumir esse duplo papel, unindo lazer e função técnica, sem perder sua vocação urbana", explica Lopes.

Apesar dos avanços pontuais feitos pela prefeitura — como o monitoramento meteorológico e obras em morros — o arquiteto aponta que elas não são suficientes. Para ele, o desafio exige respostas estruturais e regionais, com o envolvimento de órgãos como a AGEM (Agência Metropolitana da Baixada Santista) e o CONDESB (Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana).



NAIR BUENO/DL

Mesmo com investimentos em obras de drenagem e planos climáticos, a cidade de Santos segue enfrentando problemas graves



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O arquiteto e urbanista Alessandro Lopes



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O arquiteto e urbanista Ricardo Andalaft

Entre as medidas sugeridas estão: reservatórios subterrâneos em praças como Campo Grande e Ana Costa; ampliação do uso de ecobags e estruturas costeiras naturais; campanhas de educação ambiental regional; e integração digital entre municípios, com compartilhamento de dados e simulações.

O avanço do mar também preocupa. A cidade já utiliza estruturas como os espigões da orla e as ecobags, mas, segundo o arquiteto, isso precisa ser parte de uma estratégia coordenada de adaptação costeira, envolvendo Santos, Guarujá, São Vicente e Cubatão. A recuperação de manguezais e faixas de vegetação nativa também é urgente.

Outro ponto de atenção é a verticalização urbana. Para Lopes, o problema não está nos prédios em si, mas na falta de infraestrutura adaptada às novas exigências climáticas.

"A verticalização pode ser positiva — desde que venha junto com soluções inteligentes: reservatórios nos edifícios, jardins de infiltração, reuso da água da chuva e integração com sistemas modernos de drenagem", afirma.

O urbanista lembra ainda que, apesar de a média anual de chuvas na Baixada Santista — cerca de 2.000 mm — não ter mudado desde os tempos de Saturnino de Brito, o padrão das chuvas se transformou: agora elas vêm com muito mais força e concentração.

"Santos ensinou o Brasil quando abriu canais para a saúde urbana. Agora, é tempo de liderar mais uma vez — planejando uma região metropolitana resiliente, com coragem e inteligência urbana", conclui Lopes. **(Luana Fernandes)**

"É preciso pensar Santos para os próximos 50 anos"

A cidade de Santos registrou um colapso urbano no último sábado (19) públicos, suspensão do VLT, trânsito completamente travado, queda de árvores e mais de 40 semáforos desligados. A causa: o índice pluviométrico atingiu 99,6 mm no mesmo dia e, no domingo (20), o índice foi de 17,2 mm. Em 72 horas, o acumulado somou 118,0 mm e, durante este mês de abril, 283,1 mm.

Apesar de o volume ser considerado extremo, especialistas alertam que a tendência é que esse tipo de evento se torne cada vez mais frequente. Mudanças climáticas, verticalização desenfreada e um sistema de drenagem defasado estão entre as principais causas apontadas por pesquisadores e técnicos da região.

Santos está sendo duplamente impactada: pela maior quantidade de chuva e pelo avanço do mar. Este raciocínio é compartilhado pelo arquiteto e urbanista Ricardo Andalaft, professor universitário e especialista em planejamento urbano.

"A caixa de drenagem que usam hoje é pequena para a demanda. Com a impermeabilização do solo e a verticalização, temos cada vez mais água para escoar, e menos solo para absorver. Além disso, com o nível do mar subindo, o lençol freático fica mais alto. Não adianta tentar jogar a água da chuva para fora, porque você está jogando água na água", diz.

Para Andalaft, a cidade precisa de soluções estruturais e urgentes. Uma delas é a construção de reservatórios subterrâneos nos novos edifícios e o incentivo ao que ele chama de "praças secas" — estruturas semelhantes aos "piscinões" de São Paulo, mas com áreas verdes ou de lazer sobre grandes bolsões de água subterrâneos.

"Na Ricardo Jafet, em São Paulo, o piscinão resolveu um problema histórico de alagamento. Aqui em Santos, a gente podia ter isso na região da Ponta da Praia, do Gonzaga, e principalmente na Zona Noroeste. Já passou da hora", argumenta.



Georgia Plini-Leitor DL

Santos registrou um colapso urbano no último sábado (19)

Segundo o arquiteto, os sistemas atuais de drenagem da cidade ainda funcionam porque foram muito bem projetados no início do século XX, mas estão no limite. "A previsão de vazão feita por Saturnino de Brito era para 75 anos. Já se passaram mais de 120. Ainda funciona, mas já foi ultrapassado. Precisamos atualizar esse sistema com as tecnologias que temos hoje", afirma.

De acordo com Andalaft, a verticalização já existente é irreversível, mas pode e deve ser adaptada. "O que está construído precisa se adequar para absorver parte da própria água da chuva. Isso inclui reservatórios nos subsolos e soluções como telhados verdes, pavimentos drenantes e áreas de infiltração nas calçadas. A rua asfaltada, como está hoje, impermeabiliza tudo. Pouco verde, poucas praças, pouca calçada verde. Isso agrava o problema".

O arquiteto defende que é possível planejar e executar as obras necessárias com tecnologia existente. "A engenharia tem solução. Tudo depende de dinheiro, vontade política e um cronograma físico-financeiro. A Holanda, por exemplo, está toda abaixo do nível do mar e tem um sistema de drenagem altamente eficiente. Está se adaptando a novos problemas com antecedência. A gente pode fazer o mesmo aqui", pontua.

O FUTURO PRÓXIMO. Andalaft é enfático em afirmar que a tendência é piorar. "É cíclico. O aquecimento global, o derretimento das calotas, o aumento do nível do mar, tudo isso vai continuar. Não é uma grande onda que vai invadir a cidade de uma vez, é gradual, mas certo. Cada vez mais prejuízo, cada vez mais inundações", alerta Andalaft.

Para ele, é preciso pensar Santos para os próximos 50 anos. "A gente pode até não parar de encher completamente, mas podemos reduzir muito o impacto com as soluções certas. O custo de esperar é muito maior. Se não fizer agora, lá na frente a obra será maior, mais cara, e o prejuízo à cidade também. Santos precisa se preparar para continuar existindo com qualidade de vida". **(Luana Fernandes)**